

UM GRUPO DE DISCUSSÃO: análise da postura do coordenador do grupo

Verônica Morais Ximenes*

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo geral analisar a dinâmica de um grupo de discussão, detendo-se especificamente na postura do coordenador/monitor. Então se aproveitará a oportunidade para apresentar alguns aspectos metodológicos que ajudaram na análise do grupo. Primeiramente se discutirá o marco teórico relacionado com o assunto. Em seguida se definirá a metodologia utilizada, onde se abordará a composição do grupo e o tema que gerará a discussão. Posteriormente se fará a tabulação dos dados e sua interpretação. Ao final se traçará um perfil do monitor deste grupo e se levantarão algumas hipóteses sobre a dinâmica grupal.

ABSTRACT

This work has as general objective to analyze the dynamics of a group of discussion, retaining specifically in the role of the co-ordinator/monitor of the group. Meanwhile it will be taken advantage the opportunity to teach some aspects of methodology, that helped analysis of groups. Firstly, it will be discussed the theoretical framework related to the matter. Immediately, it will be exposed the used methodology, where will be approached the composition of the group and the topic that will generate the discussion. After, it will be made the tabulation of the data and their interpretations. Finally it will be traced a profile of the monitor of this group and carry out some hypothesis on the operation of this group.

* Psicóloga, doutoranda em Recursos Humanos e Organizações na Universidade de Barcelona e bolsista da CAPES.

1. Introdução

O problema da preservação da natureza e do desenvolvimento sustentável é um dos temas mais discutidos e que geram muitas hipóteses sobre como o homem deve sobreviver nessa realidade. Não é possível ignorar as causas e os efeitos que a ação do homem provoca no meio ambiente, no entanto surge sempre a polêmica sobre a necessidade de um equilíbrio entre o desenvolvimento das cidades e a preservação da natureza. A busca de formas alternativas de convívio do homem com a natureza faz parte da lista de problemas que afigem todos os países do mundo.

Os dados relacionados com este problema podem ser coletados de diversas formas e entre elas se encontra o grupo de discussão, definido por Krueger (1988) como "uma conversa cuidadosamente planejada, desenvolvida para obter informação de uma área definida de interesse, num ambiente propício, não-diretivo."

Este trabalho aborda alguns aspectos da postura de um coordenador de um grupo de discussão, suas características, as interações dos grupo, o desenvolvimento da discussão e do clima que estava presente. Em síntese, se pretende fazer uma análise da postura do coordenador de grupo dentro da dinâmica de um grupo de discussão.

2. Marco Teórico

Segundo Tous (1993) o grupo é considerado um sistema aberto, isto é, um todo unificado constituído por elementos interdependentes (pessoas) que estão interagindo de forma regular para realizar uma missão definida implícita ou explicitamente. Cada membro de um grupo possui uma função determinada (papel), as interações entre os distintos papéis e o meio (externo) determinam a dinâmica do grupo. Muitas questões surgiram a partir dos estudos sobre os grupos. O grupo pode ser considerado uma realidade? Sim, desde uma concepção sociológica que considera que a atividade do grupo é distinta da soma das atividades particulares de cada um dos membros. Desta forma o grupo adquire propriedades próprias que o distingue dos seus membros. O grupo não é considerado uma realidade, quando se faz uma análise a partir de cada participante sem preocupar-se com o processo de interação que ele gerou.

Para reforçar a concepção que o grupo possui uma realidade, alguns autores definiram que o grupo é composto por:

- Partes do grupo (membros/participantes);
- Elementos do grupo (subgrupos, canais de comunicação);
- Grupo (estrutura própria).

Então a partir desse pensamento é impossível analisar o grupo só pelos participantes isoladamente, é necessário os outros componentes.

Segundo Shaw (1979), "o grupo se define quando duas ou mais pessoas interagem mutuamente de modo que cada pessoa influí em todas as demais e é influída por elas." Esta definição está relacionada com a interação dos membros, onde todos são influenciados e considerados ativos no processo desenvolvido pelo grupo.

Para Moreno (1979), o grupo é caracterizado pela interação entre os membros, os interesses ou as atividades comuns, mas para que isso ocorra é necessário um mínimo de coesão e de desigualdade no status. Então ao mesmo tempo que o grupo possui homogeneidade (coesão) para que se alcance os objetivos definidos pelos participantes, ele necessita também de uma heterogeneidade (desigualdade no status) a fim de que diferentes idéias contribuam para o crescimento e o desenvolvimento do grupo. O grupo é uma área de relações entre as pessoas, onde interações surgem e propiciam um comportamento distinto do indivíduo dentro do grupo em relação a sua postura na sua vida pessoal, isto é, nos momentos em que não está no grupo. A sua teoria está relacionada com a psicoterapia de grupo, que consiste na ajuda recíproca, terapêutica de todos os membros; onde o grupo é mais que a soma de indivíduos e tem uma estrutura própria. Segundo González (1987) na teoria de Moreno, o grupo estabelece um complexo padrão de relações composto por atrações e repulsas, causadas por um choque entre as emoções dos indivíduos que afloram com o processo de interação.

Lewin (1978) concebe o grupo como um campo de forças opostas que mantém entre si um equilíbrio quase estacionário e a mudança que surge nele é considerada uma modificação (aumento ou diminuição de forças opostas) desse equilíbrio. O processo de mudança se estrutura em três fases: descongelamento da situação presente, mudança em si (novo nível) e congelamento dessa mudança. Um dos importantes conceitos abordados por Lewin é o de campo, que teve como origem duas fontes distintas: * Psicologia da Forma - onde o campo é definido como o âmbito que se dá a conduta e * Física - o campo permite expressar e representar as forças que

se desenvolvem no mesmo, como vectores. O campo está formado por uma totalidade de fatos que em um momento dado determinam o comportamento de um indivíduo.

O grupo de discussão

O grupo de discussão é uma técnica que está inserida dentro da dinâmica de grupo e que utiliza a discussão como instrumento básico. Um dos objetivos é a tomada de consciência dos membros no processo, que foi gerado no grupo e não só a preocupação com a discussão e/ou com a coleta de dados. Os objetivos, referidos por Maier (1980), em relação a discussão, podem ser aplicados ao grupo de discussão, sendo os seguintes:

1. Permitir que os participantes se influenciam reciprocamente.
2. Promover insight, como processo ativo e como forma de aprendizagem.
3. Fornecer, mediante a prática da discussão, recursos às pessoas, não só para sua conduta, si não também para o seu pensamento.

O grupo de discussão está aberto a aplicação de outras técnicas grupais que facilitam o desenvolvimento do processo de interação entre os membros, como: Philips 66, dramatizações, brainstorming, estudo de casos, condução e outras mais. Existe uma infinidade de âmbitos de aplicação do grupo de discussão, compreendendo entre eles: a escola, a universidade, a área social (associações de moradores, sindicatos), a universidade e etc.

Para Ibáñez (1979) o grupo de discussão está relacionado como uma técnica de pesquisa social, onde é possível coletar dados sobre uma determinada situação (um tema de discussão) e que se diferencia dos demais grupos devido a duas características: simulado e manipulável. O caráter simulado está relacionado com o objetivo da sua criação, quer dizer, tem um início e um fim determinado e só existe durante o momento que os membros falam sobre o assunto específico, definido a priori pelo coordenador/monitor. É manipulável porque o coordenador tem o poder para conduzir o grupo, definindo os membros, o tema da discussão, a duração do grupo e a dinâmica em que se desenvolverá a discussão.

A estrutura do grupo de discussão leva em conta os seguintes aspectos:

- **Tamanho do grupo:** este número pode variar de acordo com os distintos autores, porém em

geral pode ser composto por quatro até doze pessoas. O tamanho do grupo é algo muito importante devido a dois fatores : ser suficientemente pequeno para que existam possibilidades de todos falarem e ser suficientemente grande para existir diversidade de opiniões.

- **Duração da reunião:** está vinculada com o tempo que se desenvolve a discussão, só tem vida durante o tempo do discurso.
- **Composição do grupo:** são os participantes que farão a discussão (a interação verbal e não-verbal). Para que este discurso se produza é necessário que se articulem duas variáveis: a homogeneidade - com o objetivo de dar significado ao discurso e a heterogeneidade - para gerar informações distintas. Deverá ter um equilíbrio entre a homogeneidade e a heterogeneidade para que o grupo de discussão seja produtivo.
- **Relação entre o coordenador (monitor) e membros (participantes):** para que um grupo de discussão funcione adequadamente é necessário que tenha um coordenador (moderador), que seja o responsável pelo planejamento do tema e pela condução da discussão. A relação entre o coordenador e os membros deve ser criada num espaço de liberdade para que as idéias e opiniões sejam expressadas. Porém cabe ao coordenador ter habilidade para ordenar o grupo sem ser autoritário, já que esta postura inibe os membros e outorga a verdade a ele e nem ser laisser-faire, onde não há o compromisso de nenhuma parte (coordenador e membros) para gerar um discurso baseado no tema.

A discussão neste tipo de grupo se desenvolve através da relação entre o monitor e os membros, é a vida do grupo. O conhecimento mais detalhado destes componentes irá facilitar a compreensão de um grupo de discussão.

- Postura do coordenador (monitor)

O objeto de trabalho do coordenador é o discurso do grupo, sem a participação do coordenador como membro. Este trabalho é dividido em dois momentos : durante a discussão, quando o monitor coordena o tema e depois da discussão quando o grupo não existe mais, o monitor vai analisar em profundidade o discurso e a dinâmica produzida no grupo.

1º. Momento - Durante a discussão

O monitor deve fazer previamente uma análise e um estudo do problema em discussão para que possa coordenar o grupo. Ele introduzirá o tema para que o grupo comece a discutir. A proposta do tema pode ser de forma direta (objetiva), expondo o tema de forma lógica para que o discurso entre o mais rápido na realidade estudada, ou indireta (subjetiva), expondo o tema de forma semântica por via de metáfora ou de metonímia, fazendo com que o grupo descubra o tema da discussão. A presença do coordenador e o aspecto emocional de como se põe o tema da discussão podem estimular ou inibir o processo de discussão do grupo.

Cabe ao coordenador estar sempre atento ao que passa no grupo e favorecer o desenvolvimento de mecanismos que facilitem os processos humanos e não dirigir a discussão com o objetivo de alcançar um consenso. Como também, fazer com que o grupo mantenha a discussão dentro do tema. As atuações do coordenador podem ser de reformulações, quando clarifica alguns pontos de vista que estão confusos no discurso do grupo; de interpretação, quando devolve ao grupo dados com mais informações (interpretação do monitor) para que o discurso siga seu caminho, ou para acrescentar mais dados, sem a interpretação do monitor.

O monitor também pode atuar de forma indireta através de: um observador - uma pessoa responsável por observar o que acontece no grupo e depois passar estas informações para o coordenador, mas não participa como membro do grupo; e de recursos técnicos como: gravador, câmara de vídeo, que reproduzem fielmente a dinâmica do grupo e que ajudará bastante na análise dos dados. É possível que um grupo de discussão tenha dois coordenadores, que podem ter posturas diferentes, como por exemplo: um autoritário e outro democrático, ou complementários onde um ajuda ao outro na coordenação da discussão.

2º. Momento - Depois da discussão

O coordenador fará a interpretação, a análise e a síntese do discurso dos participantes do grupo. Os dados podem ser divididos em verbais (palavras) e não-verbais (expressões, gestos) e todos são importantes nessa etapa de conclusão de um trabalho feito a partir de um grupo de discussão. Os dados poderão ser coletados de distintas fontes: vivência do coordenador, fita gravada da sessão, anotações do observador, opiniões surgidas no momento do feedback, questionários preenchidos pelos membros.

A tarefa de sintetizar os dados é de responsabilidade do coordenador. Este deverá tabular os dados e interpretá-los de acordo com a realidade observada. O relatório/informe deverá ser objetivo e sintético, já que estes dados podem ser utilizados com distintos objetivos e por distintas pessoas. Os processos de feedback devem ser facilitados pelo coordenador. (Vendrell, 1987).

Para Vea Campos (1987), as qualidades de um monitor de um grupo de discussão podem ser resumidas em: sensibilidade, educação, não usar palavras técnicas, oferecer autonomia ao grupo, não ser crítico, não interromper a fala do outro, ter informações sobre o tema, escutar mais que falar, não interferir no conflito e tentar construir "um sentimento de nós" no grupo. Segundo este autor, alguns pontos importantes na postura do coordenador deve-se ter em conta, como:

1. Tratará de proporcionar ao grupo a informação adequada a sua capacidade de assimilação em cada momento e situação.
2. Nunca se antecipará aos acontecimentos.
3. Utilizará conceitos e imagens que os participantes conheçam.
4. Recordará acontecimentos ocorridos no grupo relacionados com a situação presente.
5. Abrirá interrogações.

- Atuação dos membros/participantes

Os membros do grupo são os agentes que produzirão o discurso (produto da fala). O grupo só existirá durante o tempo em que está produzindo o discurso, tem um início e um fim, definido pelo monitor. Não faz parte da técnica e nem da metodologia de um grupo de discussão que o grupo preexista (relações grupais prévias) e nem que subsista (manter-se depois da discussão).

O grupo pode decidir se é necessário ou não conhecer os nomes dos participantes. O coordenador pode solicitar a apresentação dos membros como via que facilitará a interação entre eles e consequentemente o desenvolvimento da discussão.

Durante a atuação do grupo, os membros passam por dois momentos: *ser grupo* - quando começa a discussão e *não ser grupo* - quando a discussão é concluída. Em algumas situações é difícil o grupo conviver com estas realidades, porém o monitor deve ter suficiente conhecimento para facilitar este processo de criação e de fusão de um grupo.

Existem diferentes níveis de atuação dos participantes, pois alguns são mais extrovertidos e outros mais introvertidos. Uns estão acostumados a falar em grupo e outros não. Alguns tem conhecimentos do tema e outro estão tendo contato pela primeira vez com o tema. Algumas destas variáveis podem ser controladas na etapa da seleção dos participantes feita pelo monitor, porém outras variáveis não são controladas e isso gera a heterogeneidade do grupo.

3. Um exemplo de um grupo de discussão

O problema abordado foi a discussão sobre o desenvolvimento das cidades e a relação com a preservação da natureza. Este tema foi escolhido porque faz referência a situações do cotidiano das pessoas, o que facilita o processo de discussão.

Este foi o tema que gerou a discussão, no entanto o objetivo geral é analisar a postura do coordenador de um grupo para definir se o seu desempenho facilitou ou dificultou a coordenação do grupo de discussão.

Os objetivos específicos foram os seguintes:

- Gerar uma discussão sobre o tema para que seja possível analisar as interações entre os participantes e o coordenador/monitor.
- Diagnosticar a sessão e o clima do grupo para relacioná-los com a postura do monitor.
- Criar um espaço para que o monitor exerça a seu papel de coordenador.

3.1. Metodologia

O grupo de discussão foi formado por cinco participantes de uma disciplina, onde um dos alunos foi responsável pela coordenação do grupo (monitor).

A sessão se realizou em uma sala de audiovisual, onde se encontrava uma câmera de vídeo que foi utilizada para gravar todo o processo de discussão do grupo, posteriormente esta fita foi analisada pelo grupo. O tempo de duração foi de 45 minutos.

O monitor comunicou ao grupo o tema de discussão "Desenvolvimento das cidades x Preservação da natureza". Depois solicitou que se formassem dos subgrupos com duas pessoas, onde um defenderia "o desenvolvimento das cidades" e o outro "a preservação da natureza". Em seguida, foram distribuídos gráficos aos participantes que abordavam situações reais sobre os tópicos de discussão, servindo de instrumento para o processo de interação.

Durante o desenvolvimento do processo do grupo, o coordenador interveio através da exposição de alguns assuntos, que ajudaram a enriquecer a discussão, mas sem expressar sua idéias pessoais. Estas questões foram elaboradas a partir de situações relevantes abordadas nos meios de comunicação, devido ao fato de que os participantes não eram especialistas no tema.

Imediatamente depois da discussão, o professor da disciplina solicitou que todos os participantes, inclusive o monitor, dessem suas opiniões sobre a experiência e a coordenação da sessão (feedback), também preencheram um breve questionário em que se analisava as contribuições dos membros, a sessão e o clima do grupo.

A análise do grupo de discussão foi feito depois de 15 dias. Os participantes receberam um questionário, em que se analisaram a quantidade de tempo e o tipo de interações da própria pessoa com os outros do grupo, tendo em conta quatro grupos de intervenções, compreendidos em seis categorias:

1. Reações positivas - afinidade, acordo;
2. Intento de respostas - conteúdo;
3. Questões - sugestão;
4. Reações negativas - desacordo e antagonismo.

O presente questionário foi uma adaptação feita a partir do modelo desenvolvido por Bales (1950) sobre a análise do processo de interação, onde se engloba 12 categorias de observação. Em síntese, quando cada participante intervém na discussão, ele classifica a sua intervenção de acordo com as categorias e põe o tempo da intervenção. Para realizar esta análise se utilizou a fita de vídeo da sessão.

3.2. Resultados

3.2.1. A sessão e o clima

Para analisar a sessão foram utilizadas três características: divertida, estressante e proveitosa. Estas características foram classificadas em uma escala de 0 a 3 (0 = nada, 1 = pouco, 2 = bastante e 3 = muito). Depois do tratamento dos dados, realizado pela tabulação dos mesmos numa tabela de freqüência, chegou-se as seguintes conclusões em termos de porcentagem (tabela I):

- A sessão foi considerada muito proveitosa por 60% dos participantes.
- A sessão não foi considerada estressante por 80% dos participantes.
- Em relação ao seu proveito, 60% dos participantes consideraram bastante proveitosa a sessão e 40% consideraram muito proveitosa.

Tabela I. A sessão

SESSÃO	NADA (0)	POUCO (1)	BASTANTE (2)	MUITO (3)
DIVERTIDA		20%	60%	20%
ESTRESSANTE	80%	20%		
PROVEITOSA			60%	40%

Pode-se associar as características divertida e proveitosa em relação ao fator satisfação pessoal em oposição a característica estressante como fator de não satisfação pessoal. A sessão gerou uma satisfação pessoal aos participantes, já que foi considerada muito divertida, muito proveitosa e nada estressante.

O clima da sessão foi classificado de acordo com três características: cooperação, competição e indiferença, onde a escala de valores variava de 0 a 3 (0 = nada, 1 = pouco, 2 = bastante e 3 = muito). Depois da tabulação dos dados se tem as seguintes conclusões (tabela II):

- 80% dos participantes consideraram o clima com muita cooperação.
- Em relação a competição, 40% dos participantes consideraram que não houve e os outros 40% consideraram que foi pouca competitiva.
- Todos os participantes (100%) consideraram que não houve um clima de indiferença.

Tabela II. O clima

CLIMA	NADA (0)	POUCA (1)	BASTANTE (2)	MUITO (3)
COOPERAÇÃO			20%	80%
COMPETIÇÃO	40%	40%	20%	
INDIFERENÇA	100%			

Em síntese, as características cooperação e competição podem estar relacionadas com o fator que favorece a interação e a característica indiferença com o fator que não favorece a interação. Neste grupo de discussão prevaleceu o fator que favorece a interação, já que a característica indiferença não esteve presente. Dentro do fator que favorece a interação se pode esclarecer duas características: cooperação - definida através de atitudes, onde um ajuda ao outro e competição - onde prevalece a rivalidade entre os participantes. Houve uma grande identificação do grupo (100%) com a característica cooperação, o que demonstra a dificuldade dos participantes em incorporar a postura de competição proposta pelo monitor, quando dividiu o grupo em dois. Em geral, a competição foi considerada muito pouca (80%, sendo representada por pouca (40%) e nenhuma (40%)).

3.2.2. As interações do grupo

As interações do grupo foram obtidas por dois questionários: o questionário preenchida no final da

primeira sessão (tabela IV) e o questionário de "análise das interações", preenchido a partir da observação da fita de vídeo (tabela III). Os instrumentos deram muitas informações, mas só as relevantes foram analisadas neste trabalho.

O monitor solicitou a divisão em dois grupos, que foram compostos pelos seguintes participantes: 1. *Desenvolvimento das cidades* - M e N; e 2. *Preservação da natureza* - J e C. Apesar de ter sido comprovado na parte anterior que não houve competição entre eles e sim uma cooperação, é possível observar que o grupo 2 (J e C) tiveram um nível de interação de 60,42% do total do grupo. Por outro lado, o grupo 1 (M e N) tiveram um nível de 25,89% do total das interações do grupo (tabela III). Provavelmente as idéias de preservação da natureza prevaleceram na discussão.

O total de interações confirma que este grupo estava motivado para relacionar-se com os outros, enfatizando o fator que favorece a interação (cooperação e competição).

Tabela III. Interações do grupo

PARTICIPANTES	INTERAÇÕES (Nº)	INTERAÇÕES (%)
J	48	34,53
C	36	25,89
M	26	18,70
N	10	7,19
MONITOR	19	13,66
TOTAL	139	100

A partir da tabela IV, pode-se concluir que o grupo 2 (J e C) contribuíram com as melhores idéias (60% do total) na discussão, sendo possível comprovar que realmente as idéias de preservação da natureza prevaleceram na discussão. O grupo 1 (M e N) contribuíram com 29% das idéias. Em relação ao aspecto da contribuição do monitor na coordenação do grupo será discutido no próximo item. A questão relacionada com a polêmica teve um equilíbrio entre os grupos com 50% cada grupo.

Tabela IV. Contribuição na discussão

PARTICIPANTES	CONTRIBUIÇÃO IDÉIAS	CONTRIBUIÇÃO COORDENAÇÃO	CONTRIBUIÇÃO POLEMICA
J	30%	12,50%	37,50%
C	30%	25%	12,50%
M	10%	25%	12,50%
N	10%		37,50%
MONITOR	20%	37,50%	
TOTAL	100%	100%	100%

3.2.3. Postura do coordenador/monitor

No que se refere as contribuições do monitor neste grupo de discussão, pode-se ter as seguintes conclusões (tabela IV):

- Contribuiu com 20% das melhores idéias, o que pode estar relacionado com a pouca interação no grupo 13.66% do total das interações.

- Não polemizou com nenhum dos participantes, isso pode ser associado a postura que o monitor adotou, onde a sua opinião pessoal não deveria interferir na dinâmica do grupo e nem contrapor-se aos participantes.

- Foi considerado pelo grupo como uma pessoa que mais contribuiu na coordenação do grupo, tendo 37.50% do total. Com este dado é possível concluir que desempenho bem as suas funções.

- Nas seguintes tabelas é possível observar a quantidade de interações entre os participantes e o monitor (tabela V) e entre o monitor e os participantes (tabela VI). A partir desta análise pode-se fazer estas afirmações:

- Existe um equilíbrio entre a quantidade de interações (participantes → monitor) e (monitor → participantes).

- O monitor/coordenador teve mais interações dirigidas ao grupo (13 vezes) que em relação aos participantes individualmente, o que está relacionado com uma forma de coordenar o grupo buscando a participação de todos e não só das pessoas que participam mais.

A distribuição de todas as interações do monitor com os participantes de acordo com as seis categorias definidas no questionário de “análise de interações” encontra-se na tabela VII. A categoria sugestão, que é definida como “perguntas que favorecem e/ou orientam a discussão” prevaleceu em relação as outras categorias, isso demonstra que o coordenador/monitor estava muito atento ao seu papel, buscando sempre díados para que a discussão prosseguisse. A categoria sugestão foi abordada pelo monitor a partir das questões que foram postas para gerar a discussão.

De acordo com as questões abordadas na categoria sugestão também se pode relacioná-las com a categoria conteúdo, já que em alguns momentos se discutiam assuntos mais informativos. Estas duas categorias podem atuar juntas em determinadas situações, como no caso de uma coordenação de um grupo de discussão.

Tabela V. Interações entre participantes em relação ao monitor.

PARTICIPANTES → MONITOR		MONITOR
J		13
C		4
M		2
N		3
TOTAL		22

Tabela VI. Interações entre o monitor em relação aos participantes.

MONITOR → PARTICIPANTES	J	C	M	N	GRUPO	TOTAL
MONITOR	1	1	2	2	13	19

Tabela VII. Interações do monitor de acordo com as categorias.

CATEGORIA	AFINIDADE	ACORDO	CONTEÚDO	SUGESTÃO	DESACORDO	ANTAGONISMO
TOTAL	2		2	14	1	

4. Conclusões

A sessão teve um bom desenvolvimento e os participantes sentiram-se bem. A tabulação dos dados comprovaram o que foi dito no feedback (troca de opiniões), que ocorreu depois da discussão, onde os membros demonstraram gostar de participar de um grupo de discussão e também pela forma que o monitor coordenou o grupo. Um participante chegou a dizer que as questões de discussão sugeridas pelo monitor ajudaram ao processo de discussão e outro disse que não houve interferência da opinião do monitor no grupo, o que deu um clima de maior liberdade para as interações entre os participantes.

Em relação a postura do monitor, este buscou atuar como líder democrático, desempenhando as seguintes características:

- Facilitar a interação do grupo.
- Sugerir formas para dinamizar a discussão.
- Definir corretamente as situações em que se deve ouvir e falar.
- Integrar-se com todo o grupo.
- Trabalhar com o grupo e não só.

De acordo com os dois momentos do grupo de discussão, o coordenador desempenhou seu papel da seguinte forma:

1º. Momento - Durante a discussão

O monitor introduziu o tema de discussão de forma direta (objetiva) e propôs a divisão do grupo em dois subgrupos: desenvolvimento das cidades e preservação da natureza. Não havia uma preocupação pela busca do consenso, já que isso não é o objetivo de um grupo de discussão. O monitor fez algumas intervenções de ordem interpretativa, quando devolveu ao grupo dados com mais informações e principalmente de ordem informativa, dando mais informações sobre o tema discutido, sem por sua opinião.

2º. Momento - Depois da discussão

O coordenador fez uma análise dos dados a partir das observações e vivências que teve na sessão, através da fita de vídeo, das opiniões dos participantes (feedback) e dos questionários.

A partir das qualidades do monitor, definidas por Deutsch, Pepitone e Zander, é possível destacar algumas que estiveram presentes na postura do monitor deste grupo de discussão:

- Não interrompeu a fala dos participantes.
- Não emitiu uma análise crítica.

- Escutou mais que falou.

- Ofereceu recursos (informações).

O monitor não definiu muito bem as funções que os dois grupos deveriam ter e na prática se formou um só grupo, onde as idéias de preservação da natureza prevaleceram. Duas hipóteses podem estar relacionadas com esta questão:

1. Os participantes necessitavam de mais informações por parte do monitor para exercerem as suas funções.

2. Os participantes por vontade própria não se identificaram com a divisão dos dois grupos, já que apoiavam mais as idéias de preservação da natureza que as de desenvolvimento das cidades.

Uma conclusão para uma boa coordenação de um grupo de discussão é que o coordenador/monitor deve sempre dar informações independente dos níveis de conhecimento que os participantes tenham. É melhor que o grupo tenha mais informações do que não tenha.

5. Referências Bibliográficas

- BALES, R. F. *Interaction processs analysis. A method for study of small groups*. Chicago: The University of Chicago Press. 1950.
- GONZÁLEZ, M. P. y Vendrell, E. (Directores). *El grupo de experiencia como instrumento de formación*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, S. A. 1987.
- IBÁÑEZ, J. *Más allá de la sociología. El grupo de discusión: Técnica y crítica*. Madrid: Siglo XXI de España Editores S.A. 1979.
- KRUEGER, R. A. *El grupo de discusión. Guía práctico para la investigación aplicada*. Madrid: Ediciones Pirámide S.A. 1991.
- LEWIN, K.. *A teoría del campo en la ciencia social*. Buenos Aires: Paídos. 1978
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. México: Fondo de Cultura Económica. 1979.
- SHAW, M. E. *Dinámica de grupo. Psicología de la conducta de los pequeños grupos*. Barcelona: Editorial Herder. 1979.
- TOUS, J. M. R. *Comportamiento social y dinámica de grupos*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias S.A. 1993.